

HÁBITOS DE ESCRITA NO *ROTEYRO DA VIAGEM PARA AS MINAS DO CUYABA*, DE FRANCISCO PALÁCIO (SÉC. XVIII)

Sílvio de Almeida Toledo NETO (USP)¹

RESUMO: A partir da leitura atenta do *Roteyro da Viagem para as Minas do Cuyaba*, manuscrito inédito do século XVIII, pode-se levantar indícios que caracterizam os hábitos de escrita no texto. O tipo uniforme de letra e a preferência por determinadas grafias levantam a possibilidade de o manuscrito ser da autoria de um punho acostumado a escrever no português padrão da época, além de ter familiaridade com os cânones da caligrafia então vigente. Neste estudo, apresentam-se indícios de cunho paleográfico, codicológico e lingüístico que podem evidenciar esses traços e que apontam para hipóteses sobre a autoria do texto.

ABSTRACT: An attentive reading of the *Roteyro da Viagem para as Minas do Cuyaba*, an unpublished eighteenth-century manuscript, allows us to identify traces that characterize the writing habits that exist in the text. Besides the uniform type of letter, the orthographic options indicate that the manuscript possibly was written by only one hand, accustomed to the standard portuguese and with the calligraphy of that time. In this paper we present paleographic, codicologic and linguistic evidences that characterize this hand and we point out hypothesis concerning the text authorship.

1. Introdução

Desde o início de nossas pesquisas junto ao Projeto Filologia Bandeirante, há aproximadamente oito anos, o contato com manuscritos, quase sempre inéditos, tem sido constante e variado, principalmente com relação aos séculos XVII e XVIII. Constante, porque não mais deixamos de dedicar tempo à edição propriamente dita, como também pela orientação de novos pesquisadores na área. E variada porque, em nossa demanda, temos nos debruçado sobre documentos de tipos diversos, como cartas oficiais, diários de viagem, inventários e testamentos, escrituras de dinheiro a ganhos, cartas de alforria, escrituras de dívidas, créditos, petição, entre outros, depositados nas diversas instituições que temos freqüentado dentro e fora do Estado, como, por exemplo, o Arquivo do Estado de São Paulo, o Instituto de Estudos Brasileiros, o Arquivo Histórico de Taubaté, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, sempre com o interesse de encontrar referências lingüísticas e culturais ao período compreendido entre os anos de 1650 e 1750, quando os paulistas iam para o sertão em busca de peças do gentio da terra e de riquezas minerais.

Nessa nossa busca, foram localizados importantes acervos documentais com manuscritos onde há menção a descoberta de minas, a ida para o sertão, a permanência no sertão, a carregação, a armação, a ouro, a prata, aos roteiros e caminhos, ao povoamento e às povoações. São documentos que, editados, podem levar a uma reflexão sobre o período estudado, feita a partir de fontes documentais até agora inéditas.² A partir do conjunto de manuscritos já lidos e transcritos, escolhemos apresentar, nesta comunicação, o *Roteyro da Viagem para as Minas do Cuyaba, que fez Francisco Palacio no anno de 1726*.³ O propósito é mostrar como, a partir de um trabalho de edição rigoroso, podem surgir questões relevantes para a reconstituição e compreensão do texto no seu sentido mais amplo.

2. O *Roteyro*: breve descrição

O *Roteyro da Viagem para as Minas do Cuyaba, que fez Francisco Palacio no anno de 1726* é um livro manuscrito, lavrado na primeira metade do século XVIII, composto por 22 fôlios, sem numeração, medindo 32,5 cms. de altura por 22 cms. de largura, com encadernação de meio couro com cantos. O documento encontra-se atualmente sob os cuidados do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de

¹ E-mail: tolnet@vivax.com.br.

² Como afirmam Karnal e Tatsch (2004, p. 43): “o documento não é um documento em si, mas um diálogo claro entre o presente e o documento. Resgatar o passado é transformá-lo pela simples evocação. Em decorrência da idéia anterior, todo documento histórico é uma construção permanente.”

³ Segundo Bellotto (2002, p. 87), um roteiro é, do ponto de vista da Diplomática, um documento não-diplomático informativo. Descreve um itinerário ou viagem, podendo conter gráficos e/ou textos.

São Paulo, identificado pelo número 31. A obra traz no título a datação explícita, 1726, e contém o relato de viagem fluvial de São Paulo às minas do Cuiabá. Na introdução (fól. 2r.), faz-se aviso aos destinatários do texto, “Irmaãos meos, perseguidos da fortuna, | e desua perseguiçam desesperados”,⁴ dos inumeráveis perigos a enfrentar na viagem por estes “infernaes rios”. Divide-se, então, a narrativa em capítulos, que levam o nome do rio, varadouro ou sangradouro descrito: rio Tietê, varadouro grande de Camapuã, sangradouro do Axianês etc. Em cada um dos referidos capítulos, dão-se notícias detalhadas sobre como navegar, sobre roças e habitantes e sobre os perigos com o gentio e com feras, entre outras informações práticas. Alusões à mitologia greco-latina e uso de expressões do latim eclesiástico evidenciam a erudição do autor, assim como as notas marginais que, ao longo do texto, fornecem a acepção de topônimos, indígenas ou não. Conclui-se a narrativa com observações sobre as dificuldades que enfrenta quem chega às minas do Cuiabá. Segundo o texto (fól. 21r.), “O trabalho do Caminho hê insoporta=|vel, os riscos tão ameudados, Como de vezes bate opulso, asfomes, e doenças Continuas, eos Gentios Sem numero”, pelo que, segundo se aconselha, há necessidade de guias práticos para aí chegar, além da consulta ao *Roteyro*.

3. Alguns problemas: autoria e datação do testemunho

A preparação do texto para publicação, ora em andamento, faz parte de pesquisa em equipe, inserido nas linhas de pesquisa de nosso Programa de Pós-Graduação em Filologia Portuguesa. Resultado recente desse trabalho foi publicado sob o título *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*, organizado por nós e pelo Prof. Heitor Megale.

Durante o trabalho de transcrição do *Roteyro*, foi possível refletir sobre várias questões suscitadas por sua leitura, dentre as quais chamaram-nos a atenção em especial dúvidas sobre a autoria e a história do manuscrito que tínhamos diante dos olhos. Começou então uma busca de indícios que possibilitassem delinear com tintas mais fortes o perfil do punho que concluiu o texto disponível, assim como a reflexão sobre o lugar que ocuparia esse testemunho na tradição da obra em estudo, além da compreensão sobre a identidade do autor, Francisco Palácio. Até o momento, porém, não foi possível encontrar dados biográficos sobre Francisco Palácio, nem há notícia da existência de outros testemunhos manuscritos ou impressos da tradição. É possível, por agora, apontarmos apenas traços de cunho filológico, extraídos de repetidas leituras do texto, os quais podem ser pistas importantes para as respostas que procuramos.

4. Primeiros dados: escrita e organização da página

Ao longo da leitura do manuscrito, chamam a atenção aspectos recorrentes na escrita e na organização do fôlio. Características gerais da escrita parecem indicar que a transcrição do texto é obra de um mesmo punho, destro na humanística cursiva setecentista, se forem considerados elementos constitutivos da escrita como o ângulo, o módulo, o peso, o *ductus* e o encadeamento. Um contraste entre linhas de fôlios próximos do início e do fim do livro são suficientes para evidenciar a identidade gráfica de todo o *Roteyro*. Apresentamos a seguir o fac-símile de dois trechos identificados abaixo, com a respectiva transcrição semidiplomática e justalinear:

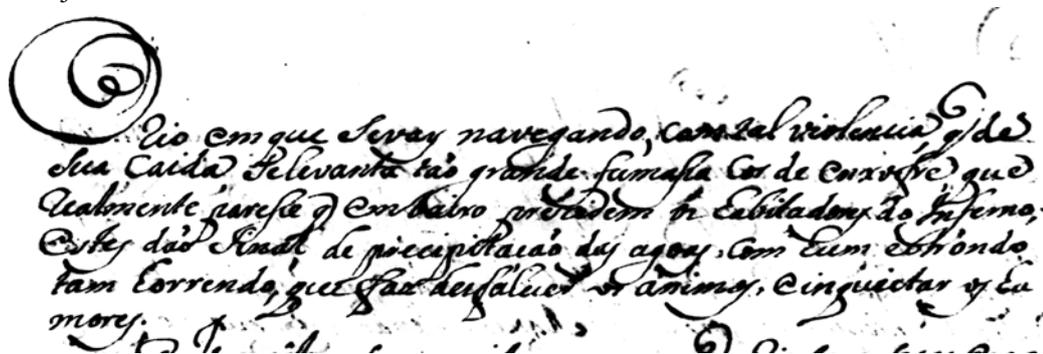


figura 1 – l. 1 a 6 do fól. 2v. do *Roteyro*

⁴ Nas transcrições apresentadas neste texto, seguem-se as Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil. Ver Megale e Toledo Neto (2005, p. 147).

[[O rio]] em que Sevay navegando, com tal violencia, *que* de Sua caída, Selevanta taõ grande fumassa cor de enxofre, que realmente parese *que* embaixo prezidem os habitadores do Inferno; estes daõ Sinal de precipitaçaõ das agoas com hum estrondo tam horrendo, quefaz desfalecer os animos, e inquietar os humores.

Transcriçaõ semidiplomática e justalinear das l. 1 a 6 do fól. 2v. do *Roteyro*

The image shows a snippet of handwritten text in a cursive script, likely from the 18th century. The text is written on a single line and is somewhat slanted to the right. The ink is dark, and the paper appears aged. The script is highly connected, with many loops and flourishes. The text is a transcription of the passage above it, written in a more formal, semi-diplomatic hand.

figura 2 – l. 36 a 41 do fól. 18v. do *Roteyro*

Passada *que* Seja esta grande Ilha, vereis *que*faz o rio huã cruz, e *oque* vos ficar amaõ direita hê huã bahya, e o daesquerda vay na volta da Ilha *que*fica dita, eSoSeguireis odo meyo, e entrando por elle vereis daparte esquerda huã terraalta com mattogrosso, epedra a beyra do rio, em cujo Lugar succedeo atragedia *que* já disse das trinta
<Canoas>

Transcriçaõ semidiplomática e justalinear das l. 36 a 41 do fól. 18v. do *Roteyro*

Ao compararmos a escrita de ambos os excertos do texto, deparamo-nos com uma caligrafia muito cuidada, onde a escrita apresenta constante inclinação à direita, assim como equilibrada dimensão das letras maiúsculas e minúsculas. A identidade entre os trechos acima evidencia-se no traçado de algumas letras, como, por exemplo, o <g> medial, o <h> inicial, o <r> inicial e o <s> longo final. O <g> medial apresenta uma cauda larga e curva, que desce do corpo, da direita para a esquerda, e sobe para fechar-se ao quase tocar o corpo, que é diminuto. O <h> inicial desce numa curva semicircular para a esquerda e depois para a direita, seguida de outra menor, abaixo, pela qual se une à letra seguinte. O <r> inicial apresenta uma curva ascendente da esquerda para a direita, que desce depois, da direita para a esquerda, quase fechando um círculo, para, em seguida, descer obliquamente à esquerda, ligando-se à letra seguinte. Por fim, o <s> longo final desce com sua cauda obliquamente para a esquerda, terminando em curva sem fazer laço. Claro está que essa lista exemplificativa poderia ampliar-se, evidenciando ainda mais a semelhança entre os trechos em análise.

As letras maiúsculas não variam quanto ao modelo de suas formas. Mas, se a forma é a mesma, traços específicos diferem conforme a importância que tem a maiúscula no texto. Nos títulos, traça-se a letra com mais cuidado, assim como nas aberturas de capítulo e de fólho. Afora essas posições bem marcadas, ao longo do texto as maiúsculas oscilam quanto à correspondência mais ou menos próxima ao desenho do modelo da letra. No momento, estamos fazendo um estudo mais detalhado da escrita do texto, para caracterizá-la em seus aspectos mais relevantes.

Outra conseqüência do estudo da escrita à mão é identificar, nas características da escrita analisada, a sua proximidade ou distanciamento quanto ao modelo, ou modelos, caligráfico vigente no contexto estudado. Índícios de proximidade ou distanciamento de um possível modelo que venham a ser identificados permitem a formulação de hipótese sobre a habilidade ou inabilidade da mão que escreve, e conseqüentemente, do nível cultural do escriba. No caso deste *Roteyro*, lavrado na primeira metade do século XVIII, o modelo caligráfico seguido de perto é o que vigorava em Portugal e, portanto, no Brasil, claramente retratado em cartilhas da época, dentre as quais é exemplo a importante *Nova escola para ler, escrever e contar*, de

Manoel de Andrade Figueiredo, obra publicada em 1722.⁵ O notável respeito ao modelo caligráfico da época indica estarmos diante de texto produzido por mão hábil, a considerar as características de que tratamos.

Quanto à organização da página, podemos dizer que as margens são bastante regulares, sempre apresentando-se uma mancha regular, com quarenta e três linhas num fôlio cheio. Apesar do respeito rigoroso a um pautado virtual, o texto não apresenta linhas.

Procedimentos de organização do fôlio são recorrentes ao longo do texto, tais como a abertura de cada fôlio, recto e verso, com letra maiúscula de grande módulo, mais adornada do que as que abrem parágrafos, como se vê no <O> inicial da primeira linha da figura 1. Esse uso faz lembrar a função capitular da maiúscula no período medieval, como inicial empregada para começar as partes mais importantes de um texto (OSTOS, 1997, s.v. *capitular*). Há grande cuidado também na intitulação dos capítulos, sempre com letra mais pausada que a do texto e, na maior parte das vezes, o título é centralizado e sublinhado. Notas explicativas são colocadas à margem, na altura da linha a que se referem, geralmente com a tradução de topônimos indígenas. Veja-se a figura abaixo:



figura 3 – l. 28 do fól. 2v. do *Roteyro*

<Rio que vem de | muito Longe.>Rio chamado Thyethê.

Transcrição semidiplomática da l. 28 do fól. 2v. do *Roteyro*

Além disso, na margem inferior à direita de cada fôlio, recto e verso, faz-se uso do reclamo, com se vê na última linha da figura 2, com <Canoas>, o que indica um recurso de controle na sucessão dos fôlios. Ao longo da mancha, segue-se com atenção um regramento ideal. Trata-se, enfim, de procedimentos que indicam extremo cuidado no preparo do texto, atitudes de rigor e minúcia que dificilmente poderiam ser postas em prática durante o percurso de uma viagem tal como a que é relatada, num ambiente povoado de imprevistos e perigos. Esse contexto permitiria ao autor, quando muito, tomar notas, posteriormente passadas a limpo, o que nos indica que a conclusão do *Roteyro*, na sua versão acabada, não deve ter ocorrido simultaneamente ao fim da viagem. No processo de gênese da obra, o manuscrito atualmente disponível deve resultar, em primeira ou segunda mão, de um rascunho não mais existente, feito durante o desenrolar dos acontecimentos.⁶

5. Outras informações: datas posteriores no texto

Essa hipótese é corroborada por informações dadas pelo texto, como a menção a datas muito posteriores à do título, as quais, supomos, já fariam parte do original. A data mais recente é registrada quando se afirma que “chegou neste anno de | 1734 o gentio Payaguá a destruir huã tropa” (fól. 20r.), data que poderia situar cronologicamente a conclusão do texto original em oito anos após a data da viagem, considerando que esta poderia durar de quatro meses e meio até mais de um ano, como informa o próprio *Roteyro*.

Podemos constatar, pelos dados até agora apresentados, que há indícios para supor que o atual texto do *Roteyro* foi cuidadosamente executado, do começo ao fim, por um mesmo punho, em um momento posterior ao da viagem. É a mesma impressão que causa a nossa leitura de outra narrativa de navegação fluvial posterior algumas décadas do texto em estudo, intitulada *Diário da navegação do rio Tietê, rio Grande Paraná e rio Gatemi*, de autoria do sargento-mor Teotônio José Juzarte, do ano de 1769. O cuidado com o preparo de cada página, a regularidade da letra e o uso do reclamo, por exemplo, indicam o cuidado com que o texto foi feito. Para esse texto, um estudo sob o aspecto codicológico ainda está por ser feito. Além do cuidado na execução, a menção a data muito posterior à do título leva a pensar no longo período transcorrido

⁵ Segundo Moraes (1969, p. 138), “A caligrafia ensinada por Figueiredo foi usada em Portugal até os tempos de D. José, quando os mestres-escola começaram a ensinar a escrever no estilo dos calígrafos ingleses e franceses.” Para referências detalhadas sobre esta obra, v. Moraes (1969, p. 136).

⁶ Ainda falta fazer um estudo sobre o suporte material do texto, a fim de se chegar a uma descrição das linhas d’água e das filigranas, assim como examinar a estrutura dos cadernos.

entre o fim da viagem e a conclusão do texto, e nas reelaborações pelas quais passaram as anotações supostamente feitas ao longo da viagem. Mas grande parte do relato deve ter sido composto em data próxima dos fatos, pela minúcia de detalhes que apresenta.

6. O problema da autoria

Cabe agora perguntar se o testemunho de que dispomos seria o original, isto é, se teria sido lavrado pelo próprio Francisco Palácio, ou por outrem, sob a sua supervisão. Ou ainda se o texto seria cópia feita sem a supervisão do autor. Para responder a essa pergunta, partimos do princípio que um testemunho autógrafo ou idiógrafo caracteriza-se como original por estar sob controle do autor e registrar efetivamente a sua vontade, o que resulta na correção de eventuais erros localizados. Já num testemunho apógrafo, é muito mais provável e até inevitável a existência de erros de cópia, isto é, modificações não-autorais do texto.

Ajuda a entender o problema do erro a classificação proposta por Dain (1975), para os possíveis tipos de erro de cópia. Considera, para tanto, quatro operações do processo: a) leitura do modelo; b) retenção do texto; c) ditado interior; d) execução manual.

Na primeira etapa podem ocorrer dificuldades de decifração, em textos antigos e medievais, isto é, quando o modelo tem letra diferente, além da dificuldade por semelhança de letras e palavras: <f>-<s>, <n>-<u>-<v> e a influência da idade e cansaço do copista. Na segunda etapa, se há leitura de trecho muito longo, retém-se mal, por fadiga, distração e pode haver mistura com conceitos familiares ao copista. Na terceira etapa, o copista que fala uma língua e transcreve outra, ou que transcreve texto mais antigo, pode ter dificuldades. Nesse ponto, interfere a pronúncia do copista. Na quarta etapa, pode ocorrer erro no traçado das letras, omissões, repetições. Ainda o deslize ocular pode provocar o salto de igual para igual, erro freqüente de cópia. O resultado são erros por adição, omissão, alteração ou substituição.

No *Roteyro*, encontramos típicos erros de transcrição como, por exemplo, repetição de palavra: “e não tomeis por entre as [[as]] Ilhas” (fól. 12r.); e omissão de palavra, como em: “Mas *para que* venhaes no escuro Conhecimento vos declaro co=mo posso” (fól. 2r.), onde omitiu-se na subordinada final a negação, sem a qual a frase está contraditória. Ainda em: “*que para* explicada hê impossivel” (fól. 2r.), há elipse do auxiliar. Como esses erros não foram corrigidos, parece não ter havido revisão do trabalho realizado, o que indica que este testemunho do *Roteyro* parece ser um apógrafo, que teria tido como modelo o próprio original, ou talvez já um outro apógrafo. Poderia ser considerada também a hipótese de um original revisto de forma desatenta, porque os erros, apesar de existirem, são aparentemente poucos, face ao cuidado geral com a escrita. Mas há mais. Seria ainda evidência de cópia o recurso do espaço intervalar após ponto final, recomeçando o texto adiante, na mesma linha. Não se trata de erro de cópia, mas sim de recurso para marcar a eliminação de um parágrafo, existente no modelo, conforme já vimos ocorrer em outros apógrafos setecentistas, como, por exemplo, os Livros de Registro. O mencionado recurso ocorre, por exemplo, na seguinte passagem: “e outras ocazioes osCanaes mais | secos, oucubertos. [espaço] O trabalho doCaminho hê insoporta=vel” (fól. 21r.). Contrasta com a presença dos referidos lapsos as muitas alusões à mitologia greco-latina, já mencionadas, que poderiam levar a engano um escriba inexperiente ou inculto. Por exemplo:

“Aqui nestaLida vereis | os filhos perderem o respeito aSeos Paes, os Irmaõs brigarem, e | apartaremse daCompanhia huns dos outros, osCamaradas | brancos deixarem avossaCompanhia pela deoutrem, os ne=gros, huns Sefazem Harpyias, furtando o mantimento, outros fugin|dovos *para* as rossas velhas, *que* já tendes paçado outros *para* omatto;” (fól. 13r.)

De qualquer forma, supomos que, na elaboração de cópia manuscrita de um roteiro de viagem no século XVIII, época de pleno florescimento do texto impresso, o excessivo cuidado com o texto não deve ter contado no intuito de grande divulgação da obra, mas sim de uso mais restrito.

7. Aspectos lingüísticos

Do ponto de vista grafemático, há bastante variação. Observamos a presença de alógrafos, tendência geral da escrita da época, quando vigoravam simultaneamente diferentes normas gráficas, às vezes até individuais. É o período conhecido na história da ortografia portuguesa como etimológico, que principia já no século XVI. A variação pode dar-se meramente no âmbito gráfico ou pode também refletir traços dialetais do escriba, o que representa informação muito relevante não só para o estudo deste manuscrito, como também para a história da língua de um modo geral. São exemplos distribuídos ao longo do texto: *rezam* / *rezaõ* / *razam* / *razaõ*. Nesse caso, a alternância entre os grafemas <a> e <e> deve indicar alternância entre uma forma padrão, a saber, *razaõ*, e outra, *rezaõ*, que Lorenzo (1977, s.v. *razõ*) identifica como popular no

século XVI. Há outros casos de variação que se restringem à poligrafia na representação de um mesmo fonema, como são os seguintes: *Certam / Sertaõ / Sertam*; *primeiro / primeyro*; *Sae / Say* etc. Ainda no nível fonológico, convivem a forma *torcendo* e formas da palavra com metátese, *trocer*, *trocido*, *troce*, que predominam no texto e já são encontradas na obra de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), segundo Penha (1997, p. 226).

Há também traços morfossintáticos e lexicais que possibilitam conhecer melhor o perfil lingüístico do escriba. Os traços lingüísticos identificados também dão pistas para a caracterização da medida em que a língua padrão da época contrastava com a atual. Entre outros fatos, podemos destacar o uso das formas de tratamento, flexão verbal e o emprego do pronome *lhe* como forma de plural ao lado de *lhes*.

O *vós* é usado entre iguais no plural, mas não no singular. Segundo as afirmações de Bluteau, já estava em processo de retração para a informalidade. Juntem-se a essa tendência as desinências pessoais de alguns tempos verbais (futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado) na 3.^a pessoa do plural, cujas características podem indicar a mudança em curso: a ausência de -d- em verbos da 2.^a p. pl. no futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado é atestado como freqüente no período clássico. O *vós* para um interlocutor permaneceria como relíquia no discurso religioso. A decadência do uso para vários interlocutores só se dá ao longo do século XIX. Os exemplos abaixo são retirados do texto:

“Jâ ouço dizeres aosvossos negros, e Camaradas: rema | para lâ; e como vos, nem elles sabem opor donde; vos quero di=|zer aparte, ou partes por onde haveis deSeguir vossa jornada” (fól. 2v.).

“podeis sequizeres passar peloCanal a remos, *que* entãõ | naõ tem perigo, nem faz ondas evay tudo Cuberto” (fól. 3v.).

O uso de *lhe* e *lhes* varia para o plural. No tempo de Camões, era exclusivo o emprego da forma *lhe*, para singular e plural, segundo Bechara e Spina (1999, p. 31). No texto, convivem ambas as formas, com predominância do pronome pessoal invariável:

“Como | Vindes enganados; tiray *para* Lâ esses remos, epegay, pegay | nos Varejoês, pondelhe ferroês nas pontas *para* subir poressa | calçada de Lages acima” (fól. 12v.).

“*que* Seos deixares ir Sos deitarsehaõ no Caminho com | *muita* rezam adormir o tempo *que* lhesparesser” (fól. 14r.).

8. Considerações finais

Pelo que até agora tratamos, fica evidente que, para a pesquisa em curso, dispomos apenas de indícios pontuais que deverão ser trabalhados mais adiante, com o acréscimo de novos dados. Por enquanto parecemos que os resultados apontam para um testemunho apógrafo, executado por um punho hábil o suficiente para apresentar um texto cuidadosamente elaborado quanto à escrita e à organização do fôlio. Ainda não podemos descartar, porém, a hipótese de um original com falhas de revisão. O punho demonstra ser atencioso na reprodução do estilo e do conteúdo do modelo, por vezes muito erudito em ambos os aspectos.

Como o original terá sido concluído quase que uma década depois da viagem, ou temos um texto original não totalmente limpo, ou um apógrafo, que só pode ter sido feito mais tarde, não se sabe se a partir do original ou já de um outro apógrafo. De qualquer forma, fica evidente a caracterização do que Marquilhas (2000) chama de mão hábil, o que já pode ser considerado uma informação norteadora de novas hipóteses.⁷

Esperamos, portanto, futuramente poder reunir maior número de informações a fim de encontrar uma resposta mais esclarecedora para as perguntas apresentadas, o que só poderá ser feito a partir de um estudo pormenorizado, inclusive buscando saber quem era Francisco Palácio.

Desde já, no entanto, podemos avaliar a importância do trabalho filológico tal como vem sendo praticado entre nós, na medida em que possibilita inclusive o levantamento de indícios que podem levar à caracterização do texto não só como repositório de um determinado estado de língua, mas também como objeto proveniente de um determinado contexto, no qual vigora uma cultura específica, que também deve ser levada em conta.

⁷ A autora (p. 239-240) identifica critérios caracterizadores da “mão inábil” em seu *corpus* do século XVII, dos quais nenhum se encontra no *Roteyro*. Por exemplo: ausência de *cursus*; uso de módulo grande, ausência de regramento ideal; traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto; irregularidade da empaginação; letras monolíticas.

9. Referências bibliográficas

BECHARA, Evanildo, SPINA, Segismundo. *Os Lusíadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

DAIN, Alphonse. *Les manuscrits*. Paris: Société d'Édition Les Belles-Lettres, 1975.

Diário da navegação. SOUZA, Jonas Soares de, MAKINO, Miyoko (orgs.). São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado, 2000.

KARNAL, Leandro, TATSCH, Flavia Galli. *A memória evanescente: documento e história*. In: KARNAL, Leandro, FREITAS NETO, José Alves de. *A escrita da memória*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

LORENZO, Ramón. *La traducción gallega de la cronica general y de la cronica de castilla*. Orense: Instituto de Estudios Orensanos Padre Feijoo, 1977.

MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

MEGALE, Heitor, TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. *Por minha letra e sinal*. São Paulo: Ateliê, 2005.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 1969.

OSTOS, Pilar *et alii*. *Vocabulario de codicologia*. Madrid: Arco/Libros, 1997.

PENHA, João Alves Pereira. *Português rural de Minas numa visão tridimensional*. Franca: UNESP, 1997.